

as cinzas as palavras
adriano lobão aragão

© 2009 by Adriano Lobão Aragão

Aragão, Adriano Lobão, 1977
as cinzas as palavras / Adriano Lobão Aragão. Teresina: amálgama, 2009.

[2009]
amálgama
[lobaoaragao@gmail.com]

www.desenredos.com.br
www.adrianolobao.com.br
adrianolobao.blogspot.com

ITINERÁRIO

prefácio	03
há ainda este tempo	04
as cinzas as palavras	05
as odes os signos	06
uns versos	07
então	08
fábula	09
o besouro	10
o mar a praia	11
dois rios	12
a estrada os passantes	13
as alamedas	14
os semáforos os centavos	15
as janelas alinhadas	16
tarde	17
as tardes as manhãs	18
a noite	19
são josé	20
o banquete	21
os blocos os sujos	22
cerro de las cruces	23
as capas os discos	24
os filmes o cinema	25
o filme os cinemas	26
o tempo as fotografias	27
não cantaremos o amor	28
os vasos os anjos de rilke	29
os gestos o silêncio	30
desenho em nanquim disperso desenho	31
os versos dispersos	32
le esprit de l'escalier	33
posfácio - de sterne, a vida as opiniões	34

prefácio

era às vezes apenas..., seria esse um começo

há ainda este tempo

há ainda este tempo
que nada deixa amadurecer

há ainda esta tarde depois dos dias

e esta esfinge escavando esquecidos enigmas
como se os refizesse reviver

há ainda este tempo
de se viver somente assim
a repetir os gestos
em que costuram em si
o fim do início e o início do fim

esta mesma face esquerda
doadada em dízimos às dezenas

há ainda estes dias

as cinzas as palavras

pintada em verbo angústia nenhuma palavra incendeia
decantada a mesma iluminada metáfora escura
seguindo em eterna fuga do discurso que se perca

expressão que inexata deseja toda exatidão
envolta entre sim e não se refaz a dúbia certeza
exatidão toda inexata que deseja expressão

qual verbo abandonado por remota prosa incontida
qual chama irrestrita escrevendo seu ardor devastado
cinza palavra ao vento calado palavra descrita

como que semeando a si espalhando do vento ao gosto
as cinzas em torno de todas as obras a destruir

as odes os signos

estas odes que aqui se erguem como estranhos obeliscos
emanam como desencanto louvando o próprio canto
palavra perdida lançada em busca de alheio signo

este verbo disperso em distante campo de poeira
areia estéril onde não canta tágide nem musa
estância onde não se encontra em seus cantos engenho e arte

nem alegre lembrança vestida de esquecidas ânsias
nem rústico altar profano onde sem música se dança
aquém dos verbos de outrora além dos versos de amanhã

decantados em prosa elegia e hino assim recordam
estas odes aqui erguidas em busca de signo alheio

uns versos

entre linha limpa descanso sutil não se desdobra
claro enigma em superfície inerte paz abandonada
o inexato revelar de obscura possibilidade

ou sem linha alguma talvez planta ou gelo ou chama abstrata
ameno vácuo inscrevendo a simbologia do caos
surdo grito perdido em tinta pelos signos da mão

este estranho arabesco de murmúrio e cinza detém
esta palavra infecunda em lauda congelada em vão
rabisco hieróglifo ideograma eólico beijando o vazio

nem mestre nem discípulo em apagada estrada escura
como palavra reescrita esquecida de acontecer

então

em perene forma permanece em idade e fortuna
tudo que no tempo não muda nem tempos nem vontades
nem mentira nem verdade penetra a forma profunda

somente em mim depositou-se irrelevante mudança
talvez desnecessária dança que o cair das folhas trouxe
talvez inseto da noite que de seu brilho descansa

quem sabe silêncio de outrora agora outra hora propaga
antes de ilusão inata à matéria apurar sua volta
em perene forma precisa mas dispersa inexata

somente em mim depositou-se irrelevante reverso
de não mais crer nos versos dessa inútil lira agridoce

fábula

cheiro molhado de mato e terra úmida
fina poeira sob as telhas da antiga casa
o desprender silencioso e certo das folhas secas
uma a uma encontrando seu tempo derradeiro

certas formigas aladas atraídas pelo clima e pela luz
após pasto de aranhas seus corpos abandonados
inútil armadura do tempo o imutável evocando
como o que leve é levado pelo vento

o besouro

cai um besouro em meu ombro
e no ar deixa desagradável aroma

cai no ar o desagradável aroma
que o besouro em meu ombro deixa voar

cai no aroma o besouro
desagradável no ombro se deixa estar

cai no ombro o aroma
deixa o besouro no ar

o mar a praia

vento e água procuram a praia em sucessivos enlances
ondulando sua dança entre espuma e sal se esvai a vaga
dispersa na areia mas guardada em música sua concha

enlaçada em dança se esvai a vaga alagando a praia
e alastrando-se pela areia dispersa espuma e sal
beija sua orla e recua somente para retornar

sua dança novamente à praia novamente ao mar
movendo-se apenas dentro de si estático abalo
reencontrando assim seu início e fim no mesmo lugar

água e vento dispersando o tempo entre espuma e sal
abrindo caminho sem volta teimando em retornar

dois rios

há em minha terra dois rios
silenciosos

um
estendido em verde tapete de aguapé
onde não mais trafegam canoas
apenas diminutas criaturas buscando seu pasto

outro
árido tapete árabe
onde todos caminham acima de sua face

a estrada os passantes

e como palmilhassem numa estrada
de óleo e tela
aos pares os passantes

e que três mais ao longe
arrastem seus passos pela areia

e que dois adiante
permaneçam parados

e que um se curvasse
levantando ao joelho a calça
diante de um córrego de água
esta outra estrada

as alamedas

esta que ao nome não atende
como alameda que não justifica razão de ser

sem este caminhar lento que a percorre
passo a passo em caminho sem lenda

entre esquinas plantados o caminhante e a via
e em cada extremo um rio passaria

e se encontrariam adiante
longe desta avenida

os semáforos os centavos

assim estende o homem no asfalto seu pasto de esmolas
em segundos ao público entrega a dança dos centavos
e desarmado de adornos seu palco entre faixas se arma

um que nestas posições pernas trôpegas se equilibra
um que entre as mãos lança em chamas de querosene seu risco
outro exposto em malposto corpo ensejo de compaixão

este escambo estas mãos este instante entre o tráfego parado
pelos vidros seus gestos estendidos em doação
outros absortos somente na luz indicando a espera

para passageiros e condutores que apenas aguardam
que o tempo ainda lhes conceda algum possível alento

as janelas alinhadas

as janelas alinhadas enlaçam linear desenho
lado a lado o silêncio lento que além a linha traça
que outros tempos demarca sem outras usanças e empenho

as janelas em desenho enlaçadas em vaga dança
ritmo parado que se alcança em imóvel movimento
como dança lançada no tempo em linha que descansa

aprisionada em sua planta alinhadas em seu estar
justapostas entre rua e lar em tempo de esgoto e lama
mudam-se donos e damas esquecidos de mudar

pelas janelas em seu fiar ficam as linhas as cores
ficam as ruas as dores e tudo que insista em ficar

tarde

pouco há que perturbe
a árida tarde

o murmúrio seco das árvores mortas
o meio-dia insistente
 como ingleses
 e cachorros loucos

e o vento
 ausência dividida
 em partes desiguais

as tardes as manhãs

as tardes quentes e iguais a todas as outras as manhãs
desprovidas de ânsias vão seguem lentamente aos currais
como se guardassem mais que o passado dos dias de amanhã

e perene a si tece a tarde disposta sobre nós
como noite de homem só como tempo que não se mede
agudo vento que segue sem rumo sem prumo sem voz

iguais a todas as outras se tramam em nós as marcas
em caminho aberto a faca como vento leva suas folhas
iguais a todas as horas na erma eternidade do nada

e perene a si tece a tarde disposta sobre nós
as tardes quentes e iguais a todas as outras as manhãs

a noite

que seja à noite tarde da noite e nada mais se enxergue
e nada mais se espere nem canto algum destoe
ainda que apenas fosse este silêncio certo de prece

qual áspera certeza suave como árvore sem folha
que somente recolha o último instante que lhe baste
que seja tarde tão tarde que outra porta não se escolha

e nada mais se enxergue nem amigos nem destinos
onde todos estão dormindo e uma leve brisa reste
tênue e inerte que o pensamento esquece que estou sozinho

sem incomodar ir embora na calma de quem parte
tranquilo mas que não seja à tarde a mais morta das horas

são José

estes que talvez aqui não mais se encontram abrigados
em respectivos jazigos que dos herdeiros herdaram
nesta terra se revestem de lembrança e esquecimento

sob a sombra de antigas árvores silêncio tardio
sob o passo lento de transeuntes e de abandonados
gatos leves passos sob céu chuva e nuvem se resguardam

apenas o ponto e o porto em que seus corpos decompostos
inertes se reencontram dispersos nesta mesma terra
semente perene como a noite que lhes protege

sob a sombra destes túmulos nas linhas desta lápide
talvez aqui se revestem de esquecimento e lembrança

o banquete

as sete almas desta família
aqui se encontram

se louvam os antigos ou guardam seus mistérios
aqui encontram seus gestos
recolhidos em olhar distante

aqui se reúnem
lado a lado
irmanados e entregues à digestão do silêncio

os blocos os sujos

e todos sabiam que ali estavam todos sujos
do que sua alegria era possível conceder

e todos sabiam que era apenas carnaval aquele cortejo trôpego
desfeito de fantasia e ilusão

cerro de las cruces

quem fez de aço os pássaros
ensinou suas asas baterem
quando em chamas

(aquele que colheu em seu trajeto
os motivos que dão aos astros
o rastro de seu itinerário)

as capas os discos

ontem eu vi o disco da vaca à venda na galeria
onde há muito naqueles campos estranhos me perdi
entre os riscos do vinil motocicleta e sinfonia

ontem eu vi um velho em um quadro carregando lenha
adornando em parede destroçada a capa de um álbum
e a iluminada escuridão de um dirigível de chumbo

ontem eu vi o álbum branco que depois de muitos anos
pude perceber as matizes dispersas de suas cores
e seu discreto nome de besouro impresso em relevo

mas há muito dispostos em silêncio seus sons evocam
sonora imagem retida na retina da memória

os filmes o cinema

estes os movimentos para cada persona em cena
sucessivos quadros alinhados em surda sequência
como película nos revela à retina incolor

estas sequências e gestos e lendas estas legendas
em lente enquadrada entre negras lacunas uma fala
ou breve alegoria inscrita para alegria e dor

em silêncio que se comunica a todos os sentidos
ainda que luz e sombra desprovida de som e cor

o filme os cinemas

o que vi nesta sala de exibição jamais verei na seguinte sessão
no rex no royal no centro de convenção
o que vejo nesta sala a sua própria e escura exibição

o que aqui se projeta nestes olhos que aqui se encontram aqui estão
o que vi apenas não o que outros aqui agora verão
e o que somente a mim se mostra a cada projeção

e depois nem a mim novamente serão
as mesmas imagens repetidas em tantas cenas em tantas salas então
revelando a cada um uma outra nova atenção

o tempo as fotografias

em tempo: antigo passeio fixado em sépia
de bordas um dia brancas agora amareladas
de data em um canto auxílio da memória
em torno do que ainda é possível lembrar

em tempo: olhando o olhar de outrora
a vida para um instante para a pose

não cantaremos o amor

ainda que nos fosse permitido
não cantaríamos o amor

se há profusão de tradições
diante da dúvida
não reclamaremos

se parecermos pobres
demais para os cantares

nem traremos à tona sensações submersas
do passado da infância
das profundezas de onde provém a própria vida

e ainda que em nossos túmulos
habitem novamente flores amarelas e medrosas
não cantaremos este amor
que resultou inútil

os vasos os anjos de rilke

terrível, eu sei, todo anjo é terrível
que se gritássemos ante a presença
constante, sei, nem anjos nem amantes
mostrariam seu impetuoso coração

e tu, graciosa dama, que indiferente
me abandonas satisfeita e infeliz
talvez tuas franjas felizes por ti estejam
ou tuas mãos em prece a moldar os vasos

talvez, na praça que desconhecemos
quem sabe se entre estas cinzas e cores
às asas do desejo teus anjos assistam

estes que expõem à indiferente sina
como o olhar de um cão parece pedir
enquanto tu esperas a mão gentil

os gestos o silêncio

o aéreo gesto de tua mão
suave fala silenciada em azul
seu tom espalha

o passo do pássaro no ar
perdido em amplidão
seu canto prepara

contido em calma
em chama adensada
e para

seu voo sua cor sua asa
no gesto aéreo que tua mão
então se cala

desenho em nanquim disperso desenho

desenho em nanquim disperso desenho
livre linha escrita de sombra e luz
teu rosto às vezes em riso sereno
suave saudade tristeza produz
teu pranto às vezes ameno distante
seus laços estende em torno da mão
e suave acolhe uma lágrima errante
de tinta e encanto teus traços serão
quem sabe rascunho ou leve rabisco
um traço presente onde ausente estás
quem sabe o risco guardado destino
presente um olhar e um riso se faz
quem sabe a vida nos traços que imito
deseje o instante deixado pra trás

os versos dispersos

escrever acerca destes caminhos
por formigas apenas percorridos
prosaico verso devolvido ao lixo
ou entulho espalhado no quintal

vendem-se algumas sílabas caídas
em quatorze versos postos em quatro
quem sabe tosco rabisco concreto
disperso em traços de um auto-retrato

entre íntimos diálogos alheios
devaneio em meio a jardins e anseios
muros putas e puras moças em flor

fragmentos dispersos ou versos vencidos
pelo tempo pela vida pelos livros
acompanhando algum possível autor

le esprit de l'escalier

inútil lembrança esta escadaria
que vazia abandona os vocábulos em dança
na silenciosa frase que se ausenta à fala

inútil dança esta lembrança
que em fala abandonada a frase silencia
ausente escadaria vazio vocábulo

inútil frase abandonada
silêncio e fala vocábulo vazio
lembrança ausente dança na escadaria

posfácio
de Sterne, a vida as opiniões

de forma que
quando estendi a mão
segurei da camareira o –

(essa história toda é sobre o quê?
– disse minha mãe)

NOTAS

p37 **as tardes as manhãs** - À memória de H. Dobal.

p47 **cerro de las cruces** - À memória de Mário Faustino.

p57 **não cantaremos o amor** - A partir de *Cartas a um jovem poeta*, Rainer Maria Rilke, e *Congresso internacional do medo*, Carlos Drummond de Andrade.

p59 **os vasos os anjos de rilke** - Inspirado nas *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke.

p69 **posfácio - de Sterne, a vida as opiniões** - Última frase do inacabado romance *Uma Viagem Sentimental pela França e Itália*, de Laurence Sterne (1713-1768). O autor faleceu antes de completar a frase. A pergunta da mãe é o final do nono e derradeiro volume de *A vida e as opiniões de Tristram Shandy*, de autoria também de Sterne.

Adriano Lobão Aragão nasceu em Teresina, 1977. Fundador da revista literária *amalgama*. Em 1998, através do Concurso Novos Autores, recebeu o Prêmio Cidade de Teresina pelo livro *Uns Poemas*, publicado no ano seguinte pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Em 2005 publicou *Entrega a Própria Lança na Rude Batalha em que Morra*, pela Fundac. Em 2006 foi premiado pela Fundação Cultural do Piauí por seu livro *Yone de Safo*, publicado pela *amalgama* em 2009. Participou das coletâneas *Versos Diversos* (Passos/MG), *Poetas do Brasil 2000* (Porto Alegre/RS) e *Estas Flores de Lascivo Arabesco*, poemas eróticos piauienses (Teresina/PI). É um dos editores do site lítero-cultural dEsenrEdoS.